

O léxico rural no Brasil Central: designações para “bruaca”

(El léxico rural en el Brasil Central: designaciones para “bruaca”)

Luciene Gomes Freitas Marins¹

¹ Departamento de Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

lucienefreitasmarins@gmail.com

Resumen: Este trabajo discute vestigios de ruralidad en el léxico de los habitantes de la región Centro Oeste en base a los principios teóricos de la Lexicología y de la Geolingüística. Para ello se analizaron 15 ítems lexicales producidos como respuestas para la cuestión 058/QSL – objeto de cuero, con tapón, para llevar harina, en el lomo del caballo – o del burro del Proyecto Atlas Lingüístico de Brasil (Proyecto ALiB), vinculado al área semántica de las *actividades agropastoriles*. Los datos se recogieron de entrevistas realizadas en 23 localidades con 104 informantes del siguiente perfil: jóvenes y mayores, sexos masculino y femenino, Educación Básica y Superior. Las respuestas se distribuyeron entre aquellas que nombran el concepto (bruaca>buraca, bolso, baúl de cuero, caja/de cuero y maleta) y las que nombran otros conceptos (capanga, alforje, surrão, boroça, embornal, sapicuá, cofo, caçuá y silhão).

Palabras-clave: léxico rural; región Centro Oeste; Proyecto ALiB.

Resumo: Este trabalho discute vestígios de ruralidade no léxico dos habitantes da região Centro-Oeste com base nos princípios teóricos da lexicologia e da geolingüística. Para tanto, foram analisados 15 itens lexicais fornecidos como respostas para a questão 058/QSL – “objeto de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro” – do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (Projeto ALiB), vinculada à área semântica das atividades agropastoris. Os dados foram recolhidos de entrevistas realizadas em 23 localidades com 104 informantes do seguinte perfil: jovens e idosos, sexos masculino e feminino, com ensino fundamental e superior. As respostas foram distribuídas entre aquelas que nomeiam o conceito (bruaca>buraca, bolsa, baú de couro, caixa/de couro e mala) e as que nomeiam outros conceitos (capanga, alforje, surrão, boroça, embornal, sapicuá, cofo, caçuá e silhão).

Palavra-chaves: léxico rural; região Centro-Oeste; Projeto ALiB.

Preliminares

Todo povo é possuidor de conjunto de tradições, de crenças, de comportamentos sociais e morais. Isso porque o homem herda, ao longo de sua vida, uma miríade de conhecimentos adquiridos por meio do intercâmbio entre povos distintos. Do ponto de vista antropológico e sociológico, a cultura “abrange a vida do indivíduo em relação a si, no passado e no presente, e em relação ao grupo, atual e pretérito” (LEÃO, 1958, p. 70). Essa interpenetração de informações influencia – de forma direta ou indireta – no costume, na arte, na formação das línguas, em suma, nos padrões sociais e linguísticos de outras comunidades.

No caso da sociedade brasileira, sabe-se que historicamente ela teve a formação inicial proveniente do processo de colonização da Coroa Portuguesa no século XVI. No entanto, o português trazido pelos lusitanos ao Novo Mundo também estava sofrendo processos de mudança linguística. Se, de um lado, as transformações eram inerentes ao próprio sistema da língua, por outro, eram decorrentes do próprio contexto sociocultural vivenciado na Península Ibérica durante séculos. De acordo com Mateus e Villalva (2006, p. 14),

[...] todos estes factores – internos ou externos – não são propriamente **causa** mas **condições** de mudança linguística: a língua não muda porque se verificaram modificações na estrutura da sociedade, mas uma mudança no sistema social pode ser terreno propício para mudanças no sistema da linguístico. [grifo do autor]

Essa constatação pode justificar as transformações corridas na língua portuguesa ao ser transplantada para o Novo Mundo. Em terras brasileiras, desde o primeiro convívio entre os portugueses e os indígenas, foi inevitável que os padrões culturais, sociais e linguísticos entrassem em contato. E esse contato resultou em uma modalidade da língua portuguesa ainda mais rica em termos de diversidade linguística, sobretudo no decorrer dos séculos com a chegada de outros povos, tais como, os africanos, italianos, japoneses, alemães, dentre outros.

Dessa forma, a interação do homem com os seus semelhantes é inevitável, visto que o contato entre os povos distintos, além de propiciar a troca de conhecimento sobre si e sobre o outro, influencia a maneira como o homem percebe, vê e compreende tudo aquilo que compõe o universo em que está inserido. Nesse contexto, a língua atua como elemento essencial de interação entre o homem e a sociedade, configurando-se como um canal divulgador da sua própria história. Assim, é possível afirmar que “a língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas” (SAPIR, 1971, p. 205).

Ao nomear o universo, o homem, inevitavelmente, também atribui determinados valores às palavras de acordo com sua cosmovisão e essas, por sua vez, são cristalizadas pela consagração da tradição cultural. Conforme Biderman (2001, p. 14), as palavras surgem de um processo criativo, em que o falante associa termo a conceitos que simbolizam referentes. Em determinados grupos linguísticos um mesmo aparato pode receber nomes distintos, já que a forma de interpretar a realidade se modifica de acordo com cada grupo. E cada grupo pode ser reconhecido e diferenciado pela seleção que faz do repertório lexical, já que as escolhas do falante – durante o processo comunicativo – não são por mero acaso. Elas são motivadas por condicionantes extralinguísticos que, por sua vez, propiciam a configuração da norma linguística e suas variações.

No âmbito linguístico, Eugênio Coseriu (1978) formulou e definiu o conceito de norma como o nível abstrato entre o “sistema” e a “fala”, criando, portanto, uma tricotomia (fala, norma e língua). Essa teoria se opõe ao conceito da dicotomia saussuriana que se pautou apenas na dicotomia língua e fala. Nas palavras de Coseriu (1978, p. 98), o sistema (isto é, a língua)

[...] es sistema de posibilidades, de coordenadas que indican caminos abiertos y caminos cerrados: puede considerarse como conjunto de ‘imposiciones’, pero también, y quizá mejor, como *conjunto de libertades*, puesto que admite infinitas realizaciones y sólo exige que no se afecten las condiciones funcionales del instrumento lingüístico [...]¹

Partindo desses conceitos coserianos de sistema e de norma, Lucchesi (2004, p. 64) salienta que a língua expressa duas possíveis variações para o termo *norma*, sendo elas:

1 Tradução nossa: “[...] é sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam caminhos abertos e caminhos fechados: pode considerar-se como conjunto de ‘imposições’, mas também, e talvez melhor, como conjunto de libertades, uma vez que admite infinitas realizações e só exige que não se afetem as condições funcionais do instrumento linguístico [...].”

normal e normativo. A primeira corresponde ao que é normal, corriqueiro, habitual e tradicional. Já a segunda “remete a um sistema ideal de valores que não raro, é imposto dentro de uma comunidade” linguística (LUCCHESI, 2004, p. 64). Princípio também defendido por Thun (2005), que considera, na perspectiva do pluridimensionalismo, que fatores diatópicos, diassexuais, diageracionais, diaferencial, dialingual, dentre outros, interferem na forma como o falante utiliza o sistema linguístico.

Nesse estudo, entende-se norma como um sistema de realizações obrigatórias consagradas tanto social como culturalmente. Corresponde, portanto, ao conjunto de realizações concretas, habituais, corriqueiras e coletivas na comunidade linguística, imposta por fatores socioculturais, presentes, tanto nos grupos sociais (escola, família, profissão, entre outros) como na região geográfica onde reside o falante.

Partindo desse princípio, este trabalho tem como objetivo discutir vestígios de ruralidade no léxico dos habitantes da região Centro-Oeste com base em dados geolinguísticos, buscando por meio da análise de designações atribuídas por habitantes dos três Estados dessa região para um referente ligado ao universo rural, identificar em que proporção aspectos extralinguísticos interferem nas formas de nomeação de um mesmo elemento da realidade. Os dados aqui examinados foram documentados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e recupera os resultados obtidos no estudo de Marins (2012),² que investigou aspectos da relação rural e urbano no léxico dos habitantes da região Centro-Oeste. Os princípios teórico-metodológicos adotados foram buscados na lexicologia, na dialetologia e na geolinguística, áreas de linguística que fornecem subsídios para a análise dos dados na perspectiva adotada para este trabalho.

O rural: a questão linguística no Brasil

De acordo com Cunha (1977, p. 67), “o português apresenta todas aquelas liberdades e indecisões que caracterizam as línguas de base essencialmente rural, nas quais a força niveladora das cidades ou não se exerceu, ou só veio agir tardiamente”. E essa língua essencialmente rural falada pelos lusos foi transplantada para o Brasil, país que também teve sua formação sócio-político-cultural longe dos centros urbanos.

Lentamente, as cidades foram crescendo e abrigando uma população marcada por traços de ruralidade. Com efeito, o caipirismo era percebido em todas as manifestações da vida da sociedade do Brasil Colonial, sobretudo naquelas referentes ao uso da linguagem. Com o intuito de refletir sobre o panorama linguístico no Brasil referente ao falar rural, algumas pesquisas têm sido realizadas, entre elas, elencamos alguns estudos.

Pode-se dizer que *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1982 [1920]), forneceu a primeira descrição do vernáculo regional, que, nesse período, já começava a sofrer interferência das variedades urbanas. Amaral (1982 [1920]) documentou a linguagem rural dos paulistas do início do século XX, pautando-se em métodos dialetais. Com efeito, essa obra contribuiu para enriquecer os estudos dialetais acerca do português do Brasil, dando o “primeiro passo” para um novo olhar sobre o dialeto rural. Em outras palavras, “a porta se abriu para os estudos dialetais com *O dialeto caipira*. Nele encontram-se as linhas gerais para o estudo monográfico de uma região” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 41).

² Dissertação de mestrado *O rural e o urbano: novos e velhos falares na região Centro-Oeste do Brasil*, orientada pela Prof^a. Dra. Aparecida Negri Isquerdo, defendida na UFMS, em 2012.

Já os estudos de Bortoni-Ricardo (2005, p. 31) apresentam três questões fundamentais: i) da modalidade urbana *versus* rural; ii) dos fluxos migratórios do século XX e iii) da difusão dos meios de comunicação de massa. Dessa tríade, destaca-se a questão da modalidade urbana *versus* rural, em que essa autora apresenta conceitos relacionados à mescla de elementos tanto da variedade rural quanto da urbana, configurando uma relação de *continuum*.

Marins (2012),³ por sua vez, comungando, sobretudo com as concepções postuladas por Bortoni-Ricardo (2005), discute aspectos da relação rural/urbano no vocabulário dos habitantes da região Centro-Oeste com base em dados geolinguísticos, buscando, por meio da análise de unidades lexicais (que designam referentes comuns tanto do mundo urbano quanto do rural) identificar em que proporção características do meio ambiente interferem nas formas de nomeação do mesmo elemento da realidade. Dessa forma, essa autora pôde constatar que o vocabulário dos habitantes da região Centro-Oeste contém unidades lexicais típicas tanto do mundo rural quanto do mundo urbano, o que aponta para a existência de um *continuum* em termos de marcas de urbanização e de ruralidade no léxico do homem centroestino.

Enfim, os estudos voltados para o falar rural têm propiciado pistas para compreensão da história da língua portuguesa do Brasil, em especial no que diz respeito às suas características rurais.

Origem do povoamento da região Centro-Oeste: aspectos sócio-históricos

Sabe-se que o povoamento do interior do Brasil foi motivado pela descoberta das minas de ouro encontradas por bandeirantes (homens paulistas que se dedicavam tanto à captura de índios e de escravos como de ouro nos confins do interior). A fascinação pelo desconhecido foi o que motivou esses homens a penetrarem a mata fechada, fazendo surgir, no interior do Brasil, o ciclo da caça aos índios e do ouro. Tais fatos motivaram o surgimento dos primeiros povoamentos na região do Brasil Central.

Pode-se dizer, então, que o bandeirantismo foi o nome atribuído ao movimento de penetração dos moradores da Capitania de São Vicente (atual São Paulo), iniciado na segunda metade século XVI (ciclo da caça ao índio) e que se fortaleceu no final do século XVII, com o descobrimento do ouro (ciclo do ouro), concluindo-se nesse mesmo século com ciclos de povoamentos (VIANNA, 1965, p. 192). Em geral, esse movimento saía da Capitania de São Vicente com destino ao sul e ao oeste do Brasil, e com atuação ainda mais aguçada no final do século XVII, ao descobrirem que, além de Minas Gerais, havia ouro em Cuiabá. Segundo Taunay (1975, p. 79), a mina descoberta nesse último território era “incomparavelmente menos acessível que a das Minas Gerais, e a enorme distância da costa, ilhada no coração da selva, atingível após a mais penosa e perigosa das travessias. Não importa! Era riquíssima!”.

Dessa forma, o território cuiabano passa a receber um contingente de pessoas vindas de várias partes do território nacional, o que estimulou a formação dos primeiros núcleos de povoamento na região. Porém “a decadência da mineração foi tão rápida como havia sido o encontro dos veios auríferos, e, com êste, o surto de uma riqueza que logo se

³ Os resultados obtidos por Marins (2012) são fruto de pesquisas e reflexões realizadas desde o período de Iniciação Científica (1997), orientada pela Prof^a. Aparecida Negri Isquardo.

mostrou transitória” (DIÉGUES JUNIOR, 1960, p. 277). Na tentativa de que mais minas de ouro fossem descobertas, levantou-se a hipótese de que em Goiás também houvesse tal minério. Embora essa busca por metais preciosos tenha intensificado o povoamento no território goiano, não foi o suficiente para garantir o surgimento de cidades. De forma que, com a decadência do ouro, os poucos e pequenos núcleos urbanos existentes ficaram estagnados durante décadas. E esse cenário de entorpecimento socioeconômico favoreceu, portanto, a criação de gado, que foi ganhando cada vez mais força, visto que no território centroestino foram encontradas condições ambientais favoráveis para o desenvolvimento da pecuária.

Dessa forma, o foco de produção se intensificou, em especial, na criação de gado e na produção de charque. Assim, o desenvolvimento dessas novas atividades econômicas permitiu a fixação da população – mesmo após a decadência do ouro – nas regiões inabitadas do interior do Brasil, sobretudo na região do atual Mato Grosso do Sul, especificamente na região do pantanal e dos Campos de Vacarias, formados pelos municípios de Campo Grande, Dourados, Rio Brilhante e Ponta Porã, em virtude das boas condições climáticas e da topografia dessas áreas (PAVÃO, 2005, p. 83-101).

Enfim, de forma assíncrona, tanto a descoberta do ouro quanto o desenvolvimento das atividades agropastoris contribuíram significativamente para o processo de povoamento da região Centro-Oeste. Tais acontecimentos interferiram, de forma direta e indireta, no português falado nessa região brasileira, diferenciando, portanto, ainda mais da modalidade linguística transplantada pelo colonizador nos primeiros séculos do Brasil Colonial.

O falar rural na região Centro-Oeste: aspectos geossociolinguísticos

A análise do vocabulário dos habitantes da região Centro-Oeste do Brasil, cuja economia ainda é predominantemente alicerçada na agropecuária, pode fornecer elementos para a compreensão não somente da realidade sociocultural, mas também das peculiaridades da norma linguística dos habitantes dessa região.

Os dados aqui apresentados foram obtidos por meio de consultas às entrevistas realizadas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) na região Centro-Oeste, com 108 informantes de 24 localidades distribuídas entre os estados de Mato Grosso, de Mato Grosso do Sul e de Goiás (3 capitais e 21 cidades do interior). Os informantes obedecem ao seguinte perfil: (i) idade: 18-30 e 50-65 anos; (ii) sexo: masculino e feminino; (iii) escolaridade: ensino fundamental e superior (capital) e com ensino fundamental (capital e interior); (iv) naturalidade: nascidos e criados na localidade pesquisada e com pais também naturais da mesma região linguística. Neste estudo foram analisadas as respostas mencionadas pelos informantes para a questão 058/QSL – “objeto de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo” – do Questionário Semântico-lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (2001), vinculada à área semântica das *atividades agropastoris*.

Cabe ressaltar que este estudo apresenta parte dos dados obtidos por Marins (2012), aqui, amplia-se a discussão dos dados considerando a temática deste estudo. O levantamento resultou em 15⁴ unidades lexicais: *bruaca*, *bolsa*, *buraca*, *baú/baú de couro*,

⁴ Em decorrência do objetivo deste estudo foram consideradas todas as respostas mencionadas pelos entrevistados.

capanga, alforje, surrão, caixa/de couro, mala, boroca, embornal, sapicuá, cofo, caçuá e silhão,⁵ cuja produtividade é visualizada no Gráfico 1, a seguir.

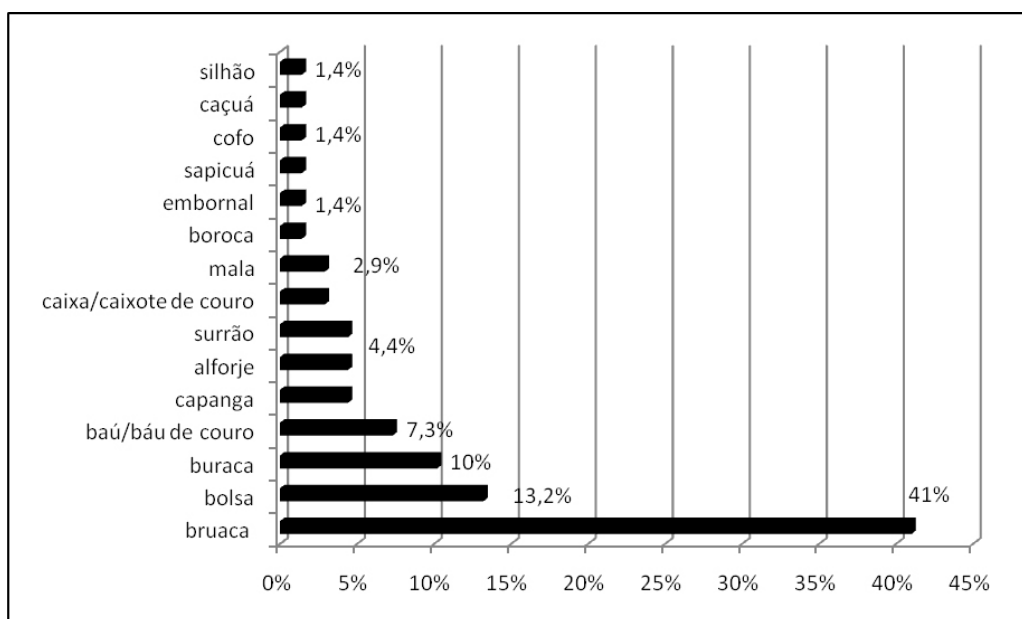


Gráfico 1: Produtividade das respostas para a questão 58/QSL na região Centro-Oeste

Ao observar os dados mostrados no Gráfico 1, nota-se que a unidade léxica *bruaca* foi a mais produtiva, seguida de *bolsa*, de *buraca* e *baú/báu de couro*. Já os itens lexicais *capanga*, *alforje* e *surrão* tiveram o mesmo percentual de ocorrência. Fato idêntico pode ser notado no registro das formas *caixa/caixote de couro* e *mala*. Já as unidades léxicas *boroca*, *embornal*, *sapicuá*, *cofo*, *caçuá* e *silhão* formam o grupo dos itens menos produtivos.

Em termo de distribuição de dados, essas unidades lexicais foram distribuídas entre aquelas que podem nomear o conceito expresso na questão 058/QSL (*bruaca* > *buraca*, *bolsa*, *baú/báu de couro*, *caixa de couro* e *mala*) e aquelas nomeiam outros conceitos (*capanga*, *alforje*, *surrão*, *boroca*, *embornal*, *sapicuá*, *cofo*, *caçuá* e *silhão*). Sabe-se também que o mapeamento dos dados geolinguísticos permite visualizar a distribuição diatópica das unidades léxicas catalogadas. Portanto, a Figura 1, a seguir, apresenta a distribuição diatópica dos itens lexicais *bruaca* e *buraca* que nomeiam especificamente o conceito expresso na pergunta em pauta.

⁵ Para o controle e o cruzamento dos dados catalogados foi desenvolvido, para o estudo de Marins (2012), o sistema computacional *Agium Search* (produto da empresa da *Agium Sorfi Ltda.*), para fins específicos de armazenamento e cruzamento de dados geolinguísticos.

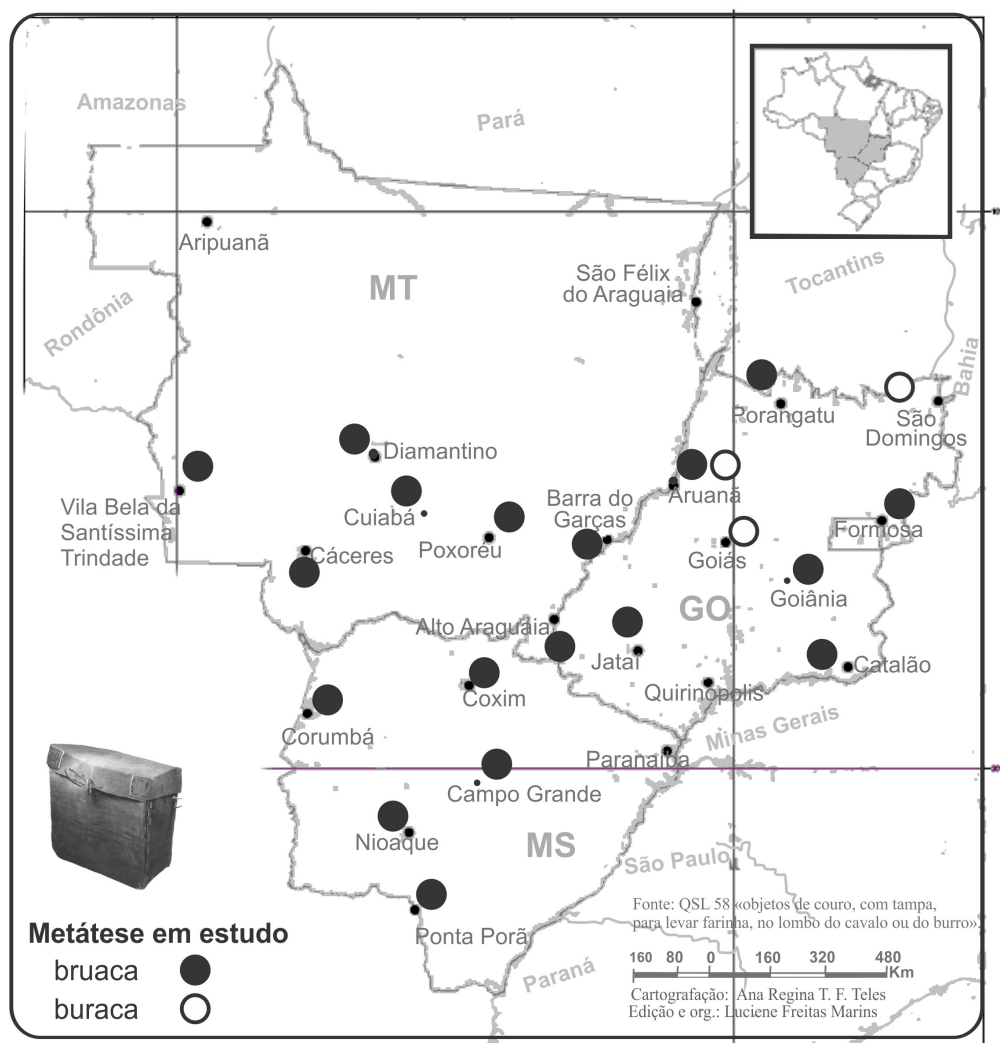


Figura 1: Variação diatópica obtida na região Centro-Oeste na documentação dos itens lexicais “bruaca” e “buraca”

Observa-se que a unidade lexical *bruaca* predominou em quase todas as localidades da região Centro-Oeste, exceto Aripuanã/MT, São Félix do Araguaia/MT, Paranaíba/MT, Quirinópolis/GO, Cidade de Goiás/GO e São Domingos/GO. Ao passo que a forma *buraca* foi mapeada apenas na Cidade de Goiás/GO, de Aruanã/GO e de São Domingos/GO, configurando-se, portanto, como um regionalismo do Estado de Goiás. Logo, é possível que a forma *buraca* tenha sofrido um processo de transposição que, de acordo com Botelho e Leite (2005, p. 5), ocorrem “por deslocamento de posição de fonemas em um vocábulo ou por transposição do acento tônico da palavra”. Nesse contexto, esses autores apresentam o caso de metátese, que “é o nome dado à transposição de um fonema em uma mesma sílaba de um vocábulo” (BOTELHO; LEITE, 2005, p. 5). Embora a forma *buraca* se configure como variante (metátese) de *bruaca*, ela foi mantida – neste estudo – como item lexical independente, pelo fato de ela ter sido mencionada apenas no Estado de Goiás com alta produtividade, sendo 100% em São Domingos, 50% na Cidade de Goiás e 25% em Aruanã, resultando, portanto, em um dado que merece ser evidenciado.

No que se refere às perspectivas diageracional e diasssexual, a pesquisa identificou que a forma *bruaca* foi mencionada na região Centro-Oeste apenas entre os informantes

idosos, sobretudo os de sexo masculino. Não raro, os habitantes do sexo masculino do Brasil Central participavam de comitivas de gados, enquanto suas esposas e filhos cuidavam das atividades domésticas. Logo, é natural que os homens tenham mais facilidade para nomear objetos relacionados às atividades agropastoris. Em suma, os resultados obtidos evidenciaram que a unidade lexical *bruaca* teve maior índice de produtividade, sobretudo no Mato Grosso do Sul, onde o contato com o universo rural é bem expressivo.

Além da documentação de itens lexicais específicos para nomear o conceito expresso na pergunta 058/QSL, também foram atribuídos estes itens lexicais genéricos: *bolsa*, *baú/de couro*, *caixote/caixa de couro* e *mala*. Quadro 1, na sequência, apresenta a ocorrência dessas formas, com as respectivas indicações das cidades onde foi documentada e dos informantes que as mencionaram.⁶

Quadro 1: Ocorrências das unidades léxicas obtidas como resposta para pergunta 58/QSL que nomeiam genericamente o conceito em causa

ITENS LEXICAIS	ESTADO	LOCALIDADE	PERFIL DO INFORMANTE
<i>bolsa</i>	GO	Porangatu	1, 2
		Aruanã	2
		Jataí	2, 3
		Catalão	1
	MT	Poxoréu	1
		Cáceres	1
Cuiabá		2	
<i>baú/baú de couro</i>	GO	Goiânia	8
	MT	Diamantino	1
		Vila Bela [...]	3
	MS	Nioaque	1
<i>caixote/caixa de couro</i>	GO	São Domingos	2
		Goiânia	8
	MT	São Félix	2
<i>mala</i>	GO	Porangatu	2
		Aruanã	2

De acordo com os dados apresentados no Quadro 1, é possível observar que no grupo dos itens lexicais que nomeiam genericamente o conceito em causa, *bolsa* apresentou alto índice de produtividade em Mato Grosso e em Goiás. Porém, em Mato Grosso do Sul, território marcado pelo exercício das atividades agropastoris, essa unidade lexical não foi registrada. Nesse caso, não se pode desconsiderar “que o ambiente físico só se reflete na língua na medida em que atuaram sobre êle as forças sociais” (SAPIR, 1971, p. 45). Logo, é possível que os entrevistados sul-mato-grossenses não tenham atribuído a

6 A pesquisa foi realizada com 4 informantes nas cidades do interior e 8 informantes em cada capital. Para fins metodológicos, lê-se no Quadro 1 e, posteriormente, no Quadro 2 as seguintes informações: na coluna “informantes” – os números ímpares representam aos entrevistados do sexo masculino e os números pares aos do sexo feminino; no que se refere à escolaridade os quatros primeiros números (1, 2, 3 e 4) correspondentes aos informantes com ensino fundamental e os quatros últimos (5, 6, 7 e 8) aos de nível superior. Por fim, os números 1, 2, 5 e 6 indicam os informantes da primeira faixa etária (jovens) e os de números 3, 4, 7 e 8 correspondem aos informantes da segunda faixa etária (idosos).

nomeação genérica – *bolsa* – ao conceito “objeto de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro”, porque eles têm mais contato com uso da forma específica para nomear o conceito em causa, isto é, optam pela unidade léxica *bruaca*, conforme confirmam os dados aqui apresentados.

Já as demais unidades lexicais *baú/de couro*, *caixa de couro* e *mala* também foram documentadas como resposta à questão 058/QSL. A primeira unidade foi mapeada nos três estados investigados, porém com menos produtividade que o registro de *bolsa*. Já a segunda forma obteve apenas uma ocorrência no Estado de Mato Grosso (em São Félix do Araguaia) e duas no Estado de Goiás, sendo em São Domingos e Goiânia, uma cada. A última, por sua vez, foi registrada apenas na fala das jovens goianas, uma de Aruanã e a outra de Porangatu. Ao considerar a questão diageracional e diassexual, nota-se que, no contexto geral, o uso dessas unidades léxicas, que nomeiam genericamente o conceito em causa, foi mais frequente na fala dos informantes jovens.

Neste estudo, também foram documentados os itens lexicais *capanga*, *alforje*, *surrão*, *boroca*, *embornal*, *sapicuá*, *cofo*, *caçua* e *silhão*, que nomeiam outros conceitos. Desse conjunto, apenas as três primeiras unidades lexicais (*capanga*, *surrão* e *alforje*) foram obtidas em mais de uma localidade; os demais foram mapeadas como resposta única, conforme ilustra o Quadro 2, a seguir:

Quadro 2: Ocorrências das unidades léxicas obtidas como resposta para pergunta 58/QSL que nomeiam outros conceitos

ITENS LEXICAIS	ESTADO	LOCALIDADE	PERFIL DO INFORMANTE
<i>capanga</i>	GO	Porangatu,	2
		Goiânia	2
		Jataí	2
<i>alforje</i>	MT	Cáceres	2
	MS	Coxim	3
		Nioaque	4
		Campo Grande	4
<i>surrão</i>	MT	Poxoréu	4
		Barra do Garças	4
	MS	Corumbá	3
<i>boroca</i>	MT	São Félix do Araguaia	1
<i>embornal</i>	MT	Cáceres	1
<i>sapicuá</i>	MS	Corumbá	1
<i>cofo</i>	GO	Aruanã	4
<i>caçua</i>	MT	São Félix do Araguaia	4
<i>silhão</i>	GO	Formosa	4

De acordo com os dados visualizados no Quadro 2, nota-se que a forma *capanga*, embora não nomeie o referente em causa, teve alto índice de produtividade no Estado de Goiás na fala das informantes jovens. Ao contrário desse resultado, *surrão* não obteve registro apenas em Goiás, porém foi mencionado no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul entre os entrevistados idosos. O mesmo ocorreu com o registro da forma *alforje*, que, embora tenha sido mencionada no Mato Grosso do Sul, apenas na fala dos entrevistados da segunda faixa etária, também obteve um registro na fala da jovem de Mato Grosso (Cáceres/MT).

Ainda de acordo com os dados do Quadro 2, pode-se dizer que os itens lexicais fornecidos como resposta única também apresentaram dados relevantes quando à questão diassexual e diageracional. As formas *boroça*, *embornal* e *sapicuá*, por exemplo, foram mencionadas apenas entre os jovens de sexo masculino. Em contrapartida, as unidades lexicais *cofo*, *caçua* e *silhão* foram mencionadas apenas entre os entrevistados idosos de sexo feminino.

Ao considerar o contexto sócio-histórico, cabe ressaltar que os registros de *capanga*, no território goiano, e *boroça*, no Mato Grosso, tornam-se significativos, uma vez que esses termos são de uso comum na fala de garimpeiros e, como já mencionado, esses territórios tiveram o início do povoamento motivado pela descoberta de ouro no século XVII. O registro da forma *cofo* em Aruanã/GO (cidade que fica às margens do rio Araguaia) também pode ter sido motivado por fatores sociais, já que essa unidade nomeia o cesto utilizado para o transporte do pescado. As unidades léxicas *caçua*, *sapicuá* e *silhão*, por sua vez, nomeiam utensílios utilizados por viajantes. As duas primeiras ratificam a presença de termos da língua indígena no léxico do português contemporâneo utilizado pelos habitantes da região Centro-Oeste. Já a última evidencia a interpenetração de regionalismos nordestinos no falar centroestino, uma vez que, de acordo com Cardoso e Ferreira (2000, p. 92), *silhão* nomeia, na região Nordeste, a armação de madeira que coloca no lombo do cavalo para a mulher sentar. Fato que pode justificar o mapeamento dessa unidade lexical em Formosa, localidade essa que fica próxima dos limites fronteiriços do Estado da Bahia, região onde é usual nomear tal assento por *silhão*.

Diante desses resultados apresentados no Quadro 02, nota-se que, na falta do conhecimento da unidade lexical específica para nomear o conceito em causa, os entrevistados valem-se do seu conhecimento de mundo, para responder à questão “objeto de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo”. Com base nisso, para análise léxico-semântica, procurou-se organizar as unidades lexicais em rede de associações motivadas por traços semânticos. Para tanto, pautamos na teoria dos Campos Léxicos apresentada por Biderman (1981, p. 139), que discorre sobre o encadeamento do léxico em redes semânticas, argumentando que “os padrões neuronais da memória léxica devem ter estabelecido redes de ligações entre os lexemas de modo funcional”.

Para tanto, foram selecionadas apenas as unidades lexicais que nomeiam o conceito em causa e as que, mesmo por extensão de sentido, nomeiam algum tipo de bolsa ou sacola. A partir disso, o conjunto dos dados foi distribuído da seguinte forma: de um lado, as formas que nomeiam o conceito em causa, sendo subdividido entre os itens lexicais específicos (*bruaca*>*buraca*) e os genéricos (*bolsa*, *baú/baú de couro*, *caixa de couro e mala*); e, de outro lado, os itens lexicais que nomeiam algum tipo de bolsa ou sacola (*capanga*, *boroça*, *surrão*, *embornal/bornal*, *sapicuá* e *alforje*). A Figura 2, a seguir, e, posteriormente, a Figura 3 ilustram o exposto:

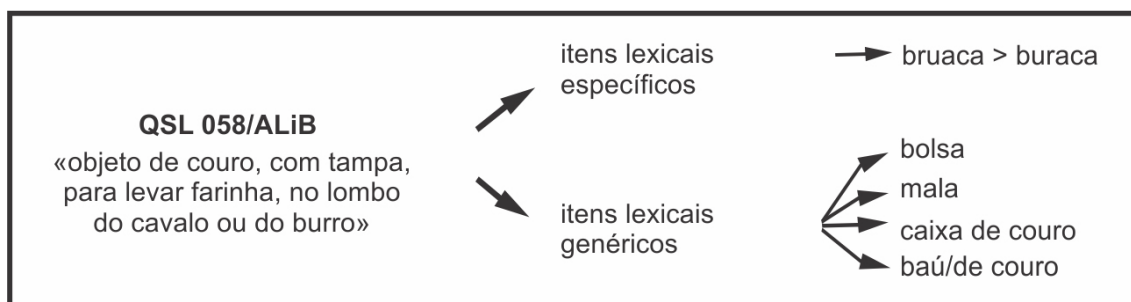


Figura 2: Distribuição dos itens lexicais que nomeiam o conceito expresso na questão 58/QLS

No grupo dos itens lexicais que nomeiam especificamente o conceito em questão, a forma *bruaca* está registrada nos dicionários na acepção utilizada pelos informantes. Houaiss (2001) e Ferreira (2004), entre outras, apresentam duas definições “saco ou mala de couro cru, para transporte de objetos e mercadorias sobre bestas” e “bolsa de couro” (FERREIRA, 2004). Já a forma *buraca* não está documentada nas obras lexicográficas pesquisadas. Embora se configure como variante de *bruaca*, foi mantida como forma independente, como já exposto, pelo fato de ela ter sido produtiva apenas no Estado de Goiás.

Já quanto ao uso dos itens lexicais (*bolsa, mala, baú/baú de couro e caixote de couro*) que nomeiam genericamente a questão em causa, é possível que tenha sido motivado pelo traço semântico “objeto de couro” contido no texto da pergunta 58/QLS ou ainda pela descrição do referente (“quadrado, com tampa e fecho”) visualizada na gravura do objeto apresentada ao informante. É provável que, devido ao fato de os entrevistados desconhecerem o termo específico, tenha recorrido a itens lexicais que nomeiam objetos similares, que também podem ser utilizados para o transporte de alimentos.

No conjunto dos dados catalogados, também foram documentadas seis unidades lexicais que nomeiam, segundo os dicionários consultados – Bluteau (1712-128), Moraes Silva (1813), Cunha (1996), Houaiss (2001), Ferreira (2004) e Aulete (2006) – tipos de bolsas definidas com semas diferentes dos apresentados na questão 058/QLS, conforme pode ser observado na Figura 03, a seguir:

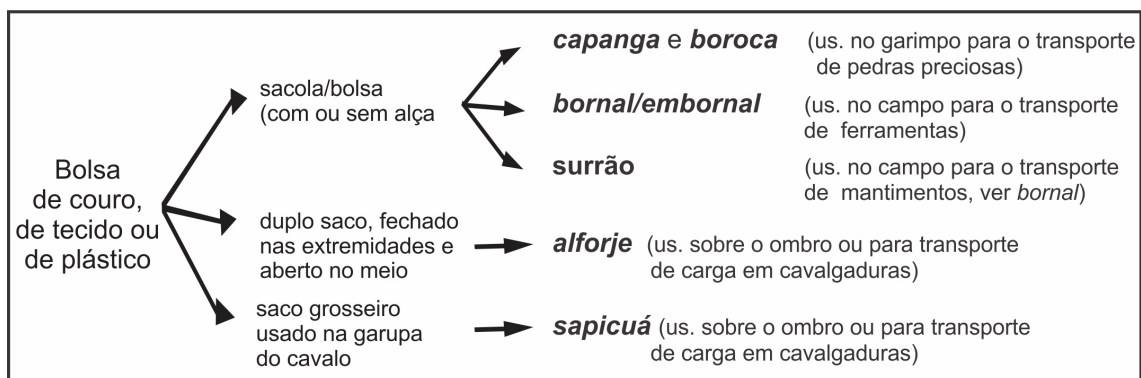


Figura 3: Distribuição dos itens lexicais que não nomeiam exatamente o conceito expresso na questão 58/QLS

Cabe ressaltar que, embora as unidades lexicais apresentadas na Figura 3 não nomeiam exatamente o conceito expresso na questão 58 do QSL, elas são importantes para este estudo, visto que, de um lado, ratificam a presença de outras formas que nomeiam objetos utilizados para transporte de algo no exercício de outras atividades rurais,

e, de outro, o uso delas deixa transparecer a interferência de fatores socioculturais no falar dos habitantes da região Centro-Oeste.

As unidades lexicais *capanga* e *boroça* nomeiam o tipo de bolsa utilizada pelos garimpeiros. A primeira está definida em Houaiss (2001), entre outras acepções, como “bolsa pequena, de tecido, couro ou plástico, us. a tiracolo por viajantes, esp. comerciantes de pedras preciosas”, marcada com a rubrica “garimpo” e como “regionalismo” de Mato Grosso para nomear “partida de diamantes comprada por capangueiro”. Ferreira (2004) também define esse item lexical como “espécie de bolsa pequena que os viajantes usam a tiracolo para conduzir pequenos objetos”, definições essas também contempladas por Cunha (1996), que atribui à unidade lexical a acepção de “espécie de bolsa (1881)” e acrescenta ainda que *capanga* é “de origem africana, mas de étimo indeterminado”. Já o segundo item lexical, *boroça*, está definido apenas no *Dicionário Informal da língua portuguesa* (2006-2011), como “ditado popular dos garimpeiros para nomear bolsa”, com a seguinte abonação: *o garimpeiro coloca a rede na boroça*.

Já *surrão* e *embornal/bornal* nomeiam utensílios utilizados nas atividades do campo para carregar alimentos ou produto da colheita. *Surrão* é definido por Houaiss (2001) e Ferreira (2004) como sacola ou bolsa grande de couro usado geralmente por pastores. Já Aulete (2006), entre outras acepções, apresenta a definição de “bolsa ou sacola de couro para levar mantimentos; bornal” e de “saco de couro que resguarda da chuva os objetos (esp. cereais)”. Nota-se que Aulete (2006), na definição de *surrão*, faz remissiva para *bornal*, que, por sua vez, está definido em Bluteau (1712-128) como “saco de pano, em que os cavalos comem a cevada”. Já Morais Silva (1813) remete o consulente ao item lexical *burnal*, que, por seu turno, remete a *embornal*, definido, entre outras acepções, como “saco que se dá cevada, ou milho as bestas”, conforme registrado por Bluteau (1712-1728). Entre os dicionários contemporâneos, Houaiss (2001) e Ferreira (2004) definem *bornal* como sacola feita de pano, de couro ou qualquer outro material, com alça longa, usada para carregar ferramentas.

As unidades lexicais *sapicuí* e *alforje*, por seu turno, pertencem ao acervo lexical dos viajantes e nomeiam um tipo de saco em que se carregam utensílios e comida. A forma *sapicuí* é classificada por Houaiss (2001) como regionalismo do Brasil, oriundo do guarani *hapiku'a* e designa o “saco grosseiro de viajantes”. Ferreira (2004) marca esse item como um brasileirismo, atribuindo-lhe a acepção de “saco de matalotagem”. Já Aulete (2006) apresenta-lhe a seguinte definição: “saco grosseiro, que os viajantes trazem na garupa do cavalo”. Nessas três obras consultadas consta a remissiva “picuí”, que está definida pelos lexicógrafos como espécie de cesto ou saco em que se coloca comida ou roupas.

A unidade lexical *alforje*, por sua vez, está assim definida em Bluteau (1712-1728): “sacola de couro, ou de outro materia dividida em duas algibeiras, em que se mete provisão de neceſſaria para jornada, & nas bestas se poem nas ancas [...], & na gente de pé se carrega nos ombros co huma parte no peito, & a outra nas costas”. Já Morais Silva (1813) atribui a *alforje* a acepção de “dois sacos, ou bolsões pesados, em que se leva previsões de roupas, ou comida para jornada”. Essas definições se conservam em Houaiss (2001) e Ferreira (2004); no primeiro registra-se “duplo saco, fechado em ambas as extremidades e aberto no meio (por onde se dobra)” e, no segundo, “duplo saco, fechado nas extremidades e aberto no meio, formando como que dois bornais, [...] sendo a carga transportada no lombo de cavaladuras ou ao ombro de pessoas”. Cunha (1996) registra a

origem árabe da forma *alforje* como designação do “duplo saco, fechado nos extremos e aberto no meio”. Nota-se que, de acordo com as definições dos lexicógrafos, a unidade lexical *alforje* nomeia um objeto único, carregado tanto no lombo do animal quanto levado ao corpo do viajante.

Por fim, observou-se que as unidades léxicas catalogadas para nomear a questão 058/QSL do Projeto ALiB foram motivadas, tanto pelos semas expressos no conceito como pela realidade sociocultural vivenciada pelos entrevistados, o que confirma a premissa de que o léxico atua como elemento revelador da cultura de uma dada comunidade linguística.

Considerações finais

No conjunto dos dados catalogados, observou-se que algumas unidades léxicas, embora não nomeiem o conceito em causa, designam elementos do universo rural, ligados à história socioeconômico-cultural da região Centro-Oeste, como os itens lexicais *capanga* e *boroca*, que nomeiam aparatos utilizados no garimpo. Notou-se, ainda, que a catalogação de formas léxicas, que não nomeiam o conceito expresso na pergunta 58/QSL, foi superior ao número de unidades lexicais válidas. Muitos dos informantes alegaram ter visto o objeto descrito apenas pela televisão ou em museus, o que ratifica a falta de familiaridade desses informantes com esse artefato e, por extensão, com a forma de nomeá-lo, o que os leva a associações com nomes de outros referentes rurais que ainda fazem parte da realidade da região investigada.

Nas implicações deste estudo, considera-se, ainda, importante o registro da unidade lexical *bruaca* em quase todas as localidades investigadas e o uso específico de *buraca* (variante fonética para *bruaca*) apenas em algumas cidades de Goiás, configurando, portanto, como uma marca do vocabulário regional. O uso das unidades léxicas *bolsa*, *mala*, *caixa/caixote de couro* e *baú/baú de couro* também foi significativo, haja vista que ele pode ter sido motivado pelo traço semântico “objeto de couro” contido no texto da pergunta 58/QSL, evidenciando que dadas nomeações podem ser motivadas, a um só tempo, pelos semas expressos no conceito e pela realidade sociocultural em que os entrevistados estão inseridos.

Além disso, este estudo confirma os dados do estudo realizado por Isquerdo (2010), que também analisou a relação entre o rural e o urbano na fala de brasileiros residentes em grandes centros urbanos, com base em dados de inquéritos do Projeto ALiB (2001) realizados em capitais de três regiões administrativas do Brasil: Centro-Oeste, Norte e Sudeste. Para esse estudo, a pesquisadora pautou-se nas respostas fornecidas pelos informantes das capitais dessa região, para a mesma pergunta aqui discutida. Entre os resultados obtidos, no que se refere às capitais da região Centro-Oeste, concluiu que os informantes ainda “mantêm traços do mundo rural, sobretudo por abrigar o bioma Pantanal, onde as “comitivas” de gado ainda são frequentes, sobretudo na época das cheias” (ISQUERDO, 2010, p. 144).

Este trabalho confirmou, enfim, que o acervo lexical de uma língua pode sofrer alterações dependendo da história da região e das condições sociais do falante, como ficou evidenciado na amostra do léxico dos habitantes do Brasil Central, que, por sua vez, ainda é bastante marcado por traços de ruralidade, em virtude das próprias características econômicas da região Centro-Oeste.

REFERÊNCIAS

- AULETE, C. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Lexikon, 2006. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital>. Acesso em: 03 maio 2011.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1982 [1920]. 195 p.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001. p. 13-22.
- _____. A estrutura mental do léxico. In: _____. *Estudos de filologia linguística*. São Paulo: Queroz/Edusp, 1981. p. 131-145.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística & educação. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005. (Coleção Língua[gem]; 11). 236 p.
- BOTELHO, J. M.; LEITE, I. L. Metaplasmos contemporâneos – um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa. In: *II Congresso de Letras da UERJ – São Gonçalo (II CLUERJ- SG)*, 2005, São Gonçalo. Anais do II CLUERJ- SG. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/comunicacoes/isabellelinsleite.pdf>> Acesso em: 29 dez. 2011.
- BLUTEAU, R. *Vocabulário Portuguez & Latino*. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. (Acervos on-line). Disponível em: <<http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>>. Acesso em: 03 maio 2011.
- CARDOSO, S. A. M.; FERREIRA, C. da S. *O léxico rural: glossário, comentários*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000. 138 p.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: Questionário 2001*. Londrina: Eduel, 2001. 47 p.
- COSERIU, E. *Teoria del lenguaje y linguística general: cinco estudios*. 3. ed. Madrid: Gredos, 1978. (Biblioteca romanica hispanica; 2. Estudios y ensayos; 61). 328p.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. 839 p.
- CUNHA, C. O português e sua origem rural. In: _____. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977. p. 67-85.
- DICIONÁRIO INFORMAL DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2006-2011. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/buscar.php>>. Acesso em: 08 out. 2013.

- DIÉGUES Jr., M. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de estudos pedagógicos - Inep. Ministério da Educação e Cultura, 1960. 112 p.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004. Versão 5.0.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994. 95 p.
- HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ISQUERDO, A. N. Revisitando os conceitos de rural e urbano no português do Brasil: contribuição do Projeto AliB. In: XXV^o Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes (CILPR). Innsbruck, 2010. Aceito para publicação na *Actes*. Max Niemeyer Verlag, 2010. p. 137-146.
- LEÃO, A. C. *Panorama sociológico do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisa Educacionais – Inep, 1958. 204 p.
- LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Linguística da norma*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 63-92.
- MARINS, L. G. F. *O rural e o urbano: novos e velhos falares na região Centro-Oeste do Brasil*. 2012. 320 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem. Área de Concentração: Linguística) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.
- MATEUS, M. H. M.; VILLALVA, A. *O essencial sobre a história da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2006. p. 106.
- MORAIS SILVA, Antônio de. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Tipographia Lacéridina, 1813. Tomos I e II. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>. Acesso em: 10 maio 2012.
- PAVÃO, E. da S. *Formação, estrutura e dinâmica da formação da economia de Mato Grosso do Sul no contexto das transformações da economia brasileira*. 2005. 250 p. Dissertação (Mestrado em Economia. Área de Concentração: Economia Industrial) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- SAPIR, E. *A Linguagem: introdução ao estudo da fala*. Tradução de Joaquim Mattoso Câmara Junior. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971. 262 p.
- TAUNAY, A. de E. *História Geral das Bandeiras Paulistas (Tomo II)*. 3. v. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

THUN, H. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. (Org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 63-92.

VIANNA, H. *História do Brasil: Período Colonial*. v. 1. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965. 385 p.